

AS ESCRITURAS E SEU PROPÓSITO

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista The Vedanta Kesari – dezembro de 1963²

Em uma época em que a literatura de todos os tipos cresceu enormemente e é lida em todo o mundo, não é difícil compreender o papel que os livros desempenham na formulação das ideias e ideais do homem. No entanto, quando se trata de livros religiosos, houve uma certa hesitação e uma avaliação injusta de seu valor entre os intelectuais, especialmente nos últimos séculos. Talvez a hesitação seja razoável, até mesmo a dúvida seja permitida, mas a condenação absoluta de tudo o que é religioso como superstição e sofisma é algo perplexo; revela uma atitude de intolerância e presunção. Uma posição que não é invejável. Pois não são esses os mesmos modos de pensar que atribuem – não sabemos com que medida de justificação – ao homem religioso? Mas, deixando isso de lado, deve ser óbvio para qualquer um agora que a religião, apesar de todas as forças que trabalham contra ela, veio para ficar. E a verdadeira religião nunca pode ser aniquilada, por mais que outras forças tentem. Pois a religião é a Verdade, e a Verdade nunca pode ser destruída. A religião, como Swamiji frequentemente afirmava, não está em meros dogmas ou credos, mas na realização de Deus, na realização do Espírito. E como Sri Ramakrishna postulou a partir de sua própria experiência, Deus é apenas um, seja qual for o nome pelo qual Ele seja chamado e por qualquer caminho que Ele seja abordado.

A Relação entre as Escrituras e a Religião

Há uma relação muito íntima entre as escrituras e a religião. Pois as escrituras nada mais são do que os registros das experiências intuitivas dos sábios. Elas foram verificadas nas vidas dos santos e profetas e podem ser verificadas ainda hoje por aqueles que buscam a Verdade com sinceridade e intensidade. Elas são como guias de viagem no oceano sem mapas da espiritualidade. São a bússola, o sextante, o leme, a linha de sondagem, o barômetro e os mapas do navio de um aspirante no mar

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>

² Do original em inglês, *Scriptures and Their Purpose*.

religioso. É por isso que algumas religiões que não tinham escrituras, nenhum livro, rapidamente desapareceram. Quando não há um documento autêntico, as pessoas tendem a interpretar e distorcer os ensinamentos de acordo com seus gostos individuais e apresentá-los como a verdade original, de modo que nada resta do conteúdo genuíno. Torna-se uma massa de superstição, de fábulas, com o grão de verdade miseravelmente perdido no monte de lama, por assim dizer. Em pouco tempo, tudo fica colorido pelos interesses e tendências dos indivíduos. Isso acontece às vezes até mesmo no caso dos ensinamentos escritos; o que dizer, então, daqueles transmitidos oralmente? Sri Krishna diz no Gita: “Este *yoga* eterno, ó Arjuna, eu ensinei a Vivaswan, e Vivaswan o ensinou a Manu. Manu o ensinou a Ikshvaku. Assim, transmitido tradicionalmente, era conhecido entre os *Rajarishis*. Mas, com o passar do tempo, este *yoga* foi perdido neste mundo.”³ É para neutralizar essa tendência à corrupção e à perda que as escrituras são necessárias.

Pode agora surgir uma dúvida sobre se os Vedas, que se presumia terem sido transmitidos oralmente de geração em geração, sofreram tal mutação. Temos várias razões para acreditar que não, a principal delas sendo a reverência com que eram tratados. Isso os tornava sacrossantos. Alterá-los era considerado blasfemo. Além disso, essas verdades foram testadas por santos e sábios posteriores. Se, portanto, alguém disser a um hindu que apenas o que está contido em qualquer escritura específica é correto e que está além da capacidade de qualquer homem verificar esses ensinamentos, o hindu imediatamente o rejeita. Pois ele foi ensinado de maneira diferente. Foi-lhe dito que, dado o impulso, intensidade, tempo e atenção necessários para a realização, os ensinamentos poderiam ser verificados e que cada um de nós poderia tornar-se um *Rishi* e sentir esses ensinamentos como os *Rishis* antigos fizeram.

“Tornar-se um *Rishi* é o único caminho para a liberação”, diz Swamiji, e ele acrescenta: “Até que alguém se torne um *Rishi*, não se tornou religioso.” Assim, vemos que, independentemente da era em que essas verdades eternas foram descobertas, elas devem estar abertas à comprovação, ao teste em qualquer outra era, ou melhor, em todos os tempos.

As Escrituras Hindus

Entre as escrituras hindus, os Vedas ocupam uma posição suprema. Eles são chamados de várias formas, como *Śabda*, *Śruti*, etc. Aquilo que foi primeiro pronunciado foi *Śabda* (a palavra ou o som). Aquilo que foi primeiro ouvido pelos sábios nas profundezas da meditação, e na profundidade de seu ser, foi *Śruti*.

³ Bhagavad Gita IV.1.2.

Há outra classe de livros, chamados *Smṛtis* — aquilo que foi lembrado, ou a lei tradicional. Estes últimos foram compostos posteriormente para governar a sociedade em um período específico. Estes mudaram conforme as mudanças na sociedade ocorreram. Os primeiros (Vedas) contêm as verdades eternas, e essas verdades nunca mudam. É por isso que se diz que os Vedas são sem começo ou fim.

Uma beleza dos Vedas é que neles se encontram todas as ideias da religião — desde Deus no além distante, Deus como onipresente e onisciente, até a união entre a criatura e o Criador. Isso, é claro, levou à formulação de várias seitas, cada uma defendendo o que lhe agrada nos Vedas como a parte importante, e as outras como secundárias. Mas, como Swamiji aponta:

“Cada uma é apenas uma fase diferente na jornada, cujo objetivo é a perfeita concepção dos Vedas.” Os *Rishis* dos Vedas eram destemidos, então não descartaram as ideias inferiores quando alcançaram as revelações superiores. Eles preservaram essas verdades inferiores para que aqueles que viessem depois deles não ficassem perplexos com as alturas que haviam alcançado, mas avançassem gradualmente. A maioria das pessoas no mundo, em qualquer época, são como bebês no que diz respeito à espiritualidade. Elas precisam ser guiadas passo a passo. Por isso, mesmo correndo o risco de serem acusados de confundir o assunto, eles deixaram essas verdades inferiores existirem.

Essas várias afirmações dos Vedas podem parecer confusas para o leigo, mas os sábios tinham certeza de que outros como eles nasceriam para mostrar uma saída para esse labirinto de ideias. Talvez, em seus próprios tempos, eles não tivessem dificuldade em dissipar as dúvidas e a confusão que poderiam ter surgido nas mentes de seus contemporâneos. Embora as escrituras descrevam uma variedade de coisas, elas principalmente falam de uma coisa — Deus e dos meios para alcançá-Lo. Pode haver algumas ideias aparentemente conflitantes sobre Ele, mas elas não se sustentam quando postas sob o teste microscópico da intuição profunda. Isso, em resumo, é o conteúdo das escrituras.

Como reconciliar as chamadas contradições nos Vedas?

As aparentes contradições nos Vedas até certo ponto confundiram os buscadores. Essa dúvida, essa sensação de estar perdido, não é um fenômeno novo. Encontramos esse tipo de questionamento também nas *Upanishads*. Quando Svetaketu foi questionado por seu pai: “Você conheceu Aquilo por meio do qual tudo mais é conhecido?” ele ficou genuinamente perturbado. Ele nunca havia ouvido algo assim antes. Ele protesta e pede para que isso se cumpra. No entanto, o pai o conduz lentamente, por meio de exemplos e experimentações, até a Verdade Suprema. Conhecer o Supremo, mesmo apenas intelectualmente, é uma tarefa difícil. Pois é lá

que todas as contradições se encontram. Tomemos um exemplo do diálogo entre Yajnavalkya e Maitreyi. Yajnavalkya, ao explicar como o *jiva* individual, após abandonar seus *upadhis*, incrustações, se funde em Brahman—assim como um punhado de sal jogado na água não pode mais ser separado dela—diz: “Depois de atingir a unidade, minha querida, não há mais consciência.”⁴ Isso perturba Maitreyi. Ela parece pensar: “Como pode ser? Ele primeiro disse que Brahman é Pura Inteligência. Agora diz que, após atingir a unidade, não há mais consciência. Por que ele fala dessa maneira contraditória?” Ela pergunta a Yajnavalkya: “Senhor, justamente agora você me lançou em confusão ao dizer que, após atingir a unidade, o ser não tem mais consciência.”⁵ Yajnavalkya então lhe explica que o ser que atingiu a unidade com Brahman perde a ‘consciência particular’ — superposta ao eu devido à sua identificação com o corpo, a mente e coisas semelhantes —, mas não a Consciência Cósmica. E somente quando assim explicado, a dúvida de Maitreyi foi esclarecida.

Uma dúvida semelhante é levantada por Arjuna em um contexto diferente. Quando Sri Krishna instou Arjuna a lutar a batalha de *Kurukshetra* em apoio à causa justa e, ao mesmo tempo, falou altamente sobre renúncia, este ficou confuso. Arjuna perguntou: “Com palavras aparentemente contraditórias, parece que você está confundindo meu entendimento. Por favor, diga-me aquele único caminho pelo qual posso alcançar o bem.”⁶ Sri Krishna, em resposta, diz que há dois caminhos, e estes são para dois tipos diferentes de pessoas. Ele acrescenta ainda que ninguém pode praticar a renúncia a menos que tenha se livrado de todos os desejos. Portanto, esse não era o caminho para ele (Arjuna). Assim, vemos que todo grande mestre teve que falar não apenas para uma classe de pessoas, mas para várias, e, portanto, teve que dizer coisas que se adequassem a esses tipos específicos de indivíduos. Se esses ensinamentos forem tomados juntos, sem a ideia do contexto em que foram proferidos, é natural que pareçam se opor em conteúdo.

Há uma bela história nas Upanishads que ilustra corretamente esse ponto. Ela mostra como a mesma sílaba transmite significados diferentes a diversos tipos de pessoas: Certa vez, as três classes de filhos de Prajapati — os deuses, os homens e os *Asuras* — viveram uma vida de continência com Prajapati. Após algum tempo, os deuses pediram a Prajapati que os instrísse. Prajapati pronunciou a sílaba ‘Da’ e perguntou se eles haviam entendido o que ele quis dizer. Eles responderam que sim; que Prajapati estava lhes pedindo para se controlarem. Depois de algum tempo, os homens, tendo também concluído seu período de provação, suplicaram por instrução. Para eles, Prajapati também disse a palavra ‘Da’ e perguntou se haviam compreendido. Eles igualmente disseram: “Sim, você nos pede para dar.” Por fim,

⁴ Br. Up. II. iv. 12.

⁵ Op cit, 13.

⁶ Bhagavad Gita III. 2.

vieram os *Asuras*, e para eles também Prajapati repetiu a mesma sílaba ‘Da’, perguntando o que entenderam. Os *Asuras* responderam: “Você nos pede para sermos compassivos.” A todos eles, Prajapati disse que haviam entendido corretamente.⁷ Isso soa incoerente? Não, uma breve explicação o provará. Em sânscrito, as palavras controlar, dar e ser compassivo começam com a letra ‘da’, a saber: *dāmyata*, *datta* e *dayadhwam*. Ora, os *devas* ou deuses eram muito dados ao prazer, os homens ao acúmulo e os *Asuras* à matança. Ao viver uma vida de celibato com Prajapati, esses três grupos haviam compreendido seus próprios defeitos particulares e, quando Prajapati pronunciou a sílaba ‘Da’, eles souberam o que ele esperava deles. Aos deuses, cabia abster-se do prazer; aos homens, dar; e aos *Asuras*, foi ordenado que fossem compassivos — e tudo isso foi transmitido pela pronúncia daquela única sílaba ‘Da’. Isso não mostra que as escrituras servem ao propósito de todos os buscadores genuínos?

Da mesma forma, nos Vedas, que são destinados a todos, encontramos ideias aparentemente contraditórias, mas adequadas a homens de diferentes tendências. Essas visões contrárias são, na verdade, apenas visões da mesma Realidade sob ângulos distintos, de alturas variadas. Assim, um buscador sincero precisa apenas descobrir qual caminho e qual ideal apelam com sua natureza, qual melhor se adapta ao seu temperamento. Mas ele deve enxergar a unidade na diversidade. Pois a diversidade possibilita a criação, e a unidade volta à fonte, nossa própria morada. As escrituras, portanto, não nos confundem, mas nos dizem tudo, e nós ficamos perplexos porque não temos a perspicácia para compreender seu significado.

Propósito das Escrituras

Tendo tratado do conteúdo das escrituras, não é difícil presumir qual é sua intenção. Já foi explicado que elas não pretendem confundir o homem. Isso deve ser sempre lembrado. Em segundo lugar, sua intenção é guiar a humanidade no caminho da espiritualidade, ajudar o homem a subir a partir de qualquer nível de desenvolvimento em que esteja. Como o cientista que faz pesquisa com os dados já em sua posse, o aspirante, com a ajuda das escrituras, se engaja em pesquisa no campo espiritual. Pode-se verificar a própria experiência — os resultados da própria pesquisa no laboratório do espírito — com as conclusões já alcançadas nas escrituras. Elas são como livros de referência, onde podemos comparar notas. Se as experiências de alguém não estão em conformidade com as verdades eternas, esse alguém se perdeu em algum lugar. Mas isso não acontece quando se está sob a orientação de um mestre competente.

⁷ Brihadaranyaka Upanishad, V. ii. 1-3.

No entanto, há toda a chance de os princípios das escrituras serem mal interpretados e mal utilizados se caírem em mãos erradas. Citaremos um exemplo aqui para mostrar como a teoria do *Karma* foi tortuosamente tratada por falastrões eloquentes: Quando Swamiji estava em Calcutá em 1897, um pregador pertencente a uma sociedade para a proteção de vacas teve uma entrevista com ele. Quando perguntado sobre o objetivo da sociedade, o pregador disse que era proteger as vacas velhas, decrepitas e doentes do matadouro e prover enfermarias para elas. Swamiji, enquanto elogiava seu trabalho, perguntou ao pregador que ajuda sua sociedade — que tinha recursos suficientes — havia prestado ao povo na Índia central, onde, devido à fome, nove *lakhs*⁸ de pessoas haviam morrido. A resposta indiferente do pregador foi que a fome havia surgido como ‘resultado do Karma dos homens, seus pecados.’ A perversão dos princípios pode ir além disso? Swamiji, que ficou furioso de indignação com tal indiferença do pregador para com a humanidade, reprimindo seus sentimentos, disse que não tinha a menor simpatia por associações que não se compadeciam dos homens, mesmo quando estes morriam de fome. Cuidemo-nos desses indivíduos equivocados que fazem uma paródia da verdade.

Extensão da Utilidade das Escrituras

Como já foi dito, **as escrituras podem ajudar você, guiá-lo, mas não podem levá-lo à meta.** Registros da realização de outras pessoas não podem fazê-lo realizar. Você pode seguir o caminho delas, sentir sua direção, **mas precisa lutar por si mesmo para alcançar o objetivo.** Todo esforço é seu. Os livros não podem transportá-lo através do oceano da vida. Ninguém pode fazer isso. Até mesmo o preceptor espiritual só pode guiá-lo. Sri Sankara, referindo-se ao mero conhecimento das escrituras, em um lindo verso em sânscrito, diz: “Se a Verdade Suprema não é conhecida, todo estudo das escrituras é em vão. Quando, porém, a Verdade Suprema é conhecida, então também o estudo das escrituras é inútil.”⁹ Será que ele, então, desencoraja os estudos dos *shastras*? Ninguém pode fazer essa acusação contra Sankara, pois encontramos em seus comentários sobre os *Upanishads*, com muita frequência, a afirmação: “O *Ātman* deve ser buscado vigorosamente através dos ensinamentos dos *Shastras* e do Guru.” O que ele pretende transmitir é que, se o conhecimento das escrituras não for utilizado, não for colocado em prática, então esse conhecimento é adquirido em vão. Por outro lado, uma vez que o Supremo é realizado, todo estudo adicional das escrituras é inútil, pois todas elas são apenas meios para atingir o Supremo, e não um fim em si mesmas. Uma vez que o propósito, a realização de Deus, é cumprido, não resta mais nada a ser alcançado.

⁸ Um *lakh* é equivalente a 100.000.

⁹ Vivekachudamani, 59.

Sri Ramakrishna, criticando o excesso de estudos, disse: “Suponha que você recebeu uma carta de sua casa pedindo que você compre certas coisas. E suponha que você a perdeu. Se o conteúdo da carta já é conhecido por você, você ficará preocupado com a carta ou se esforçará para adquirir os itens mencionados nela?” Outra vez, ele exortou um de seus jovens discípulos: “O que há na Vedanta para que você a estude tanto? Não é simplesmente que ‘Apenas Brahman é real, e todo o resto é ilusório’? Trabalhe para realizá-lo.”

Swamiji observa em certo lugar: “Livros não podem ensinar Deus, mas podem destruir a ignorância; sua ação é negativa.” Mesmo os Vedas não podem mostrar-lhe Deus, não podem fazê-lo realizar seu verdadeiro ser. “Por que meio poderias conhecer o Conhecedor?”¹⁰, perguntam os *Upanishads*. Sua natureza essencial é a consciência autorreveladora. O que é necessário é dissipar a ignorância que a encobriu. Remova o véu, e você verá a luz. Se estivermos em um quarto escuro, basta abrir as portas e janelas para vermos o sol. Não precisamos de outra luz para ver o sol. Ele é autoefulgente — quando surge, nós o vemos. Não apenas podemos vê-lo, mas também podemos dispensar todas as outras luzes que acendemos para ver outros objetos dentro ou fora de nossas moradas. E este *Ātman*, ou Brahman, que é a essência de toda criatura, ou melhor, de tudo o que existe no universo, é a fonte de toda luz — até mesmo do sol, da lua, das estrelas e de tudo, afirmam os *Upanishads*.¹¹

Conclusão

O excesso de estudo das escrituras torna o homem vaidoso. Isso o afasta do objetivo. O objetivo da vida é a realização de Deus. Todas as escrituras nos dizem que só Deus é real, e todas as outras coisas são transitórias. Elas também nos mostram o caminho para Deus. O que devemos fazer, após conhecer o propósito das escrituras, é trabalhar para realizá-lo. Ou, como diz Sri Ramakrishna, o que é necessário é mergulhar profundamente em nós mesmos e tornar nossa vida frutífera pela realização de nossa verdadeira natureza — como a ostra mitológica que, após coletar a gota de chuva (quando a estrela *Svāti* está ascendente), mergulha até o fundo do mar para produzir a bela pérola.

• • • • •

¹⁰ Br. Up. II. IV. 14.

¹¹ Katha Up. V. 15.